NOVELLAE OLIVARUM

ANO XII NÚMERO 122 FEVEREIRO DE 1955

BEM HAJA SUA EMINÊNCIA — C.º Amaro 35
PATERNIDADE — P. F. 38
O MESTRE E GUIA DAS INTELIGÊNCIAS — J. C. 43
A VIRGEM MISSIONÁRIA — Fernando Melro 49
UMA OBRA LITERÁRIA — Albino Cleto 59
CÂNTICO — Fernando Melro 65
SERVAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA — A. Tavares 66
O PRÍNCIPE DA SANTA MARIA — Fernando Micael 72
CRÓNICA — Alberto Neto 76

Estando na disposição de iniciar em Março a cobrança postal da importância das assinaturas, recordamos aos nossos assinantes que o envio directo da mesma a todos evita trabalho e despesas.

A ADMINISTRAÇÃO

ACABAM DE APARECER

Na colecção «Psicologia e Pedagogia»

A ARTE DE EDUCAR AS CRIANÇAS DE HOJE

de Gaston Courtois

A Psicologia da Criança, Linhas Fundamentais

de Guy Jacquin

Na COLECÇÃO «Folhetos da Vida Espiritual»

1 — Meditações sobre o Magnificat

de Gaston Courtois

2 — Meditações sobre a Salvé Rainha

de Agnés Richómme

EDIÇÃO de S. E. T. -:- Editorial Livraria

SET = Sociedade Editorial «O Trabalhador»

Rua António Maria Cardoso, 68 - LISBOA

Qualquer destes livros pode ser adquirido na Associação de Santo Condestavel - Seminário dos Olivais

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINARIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

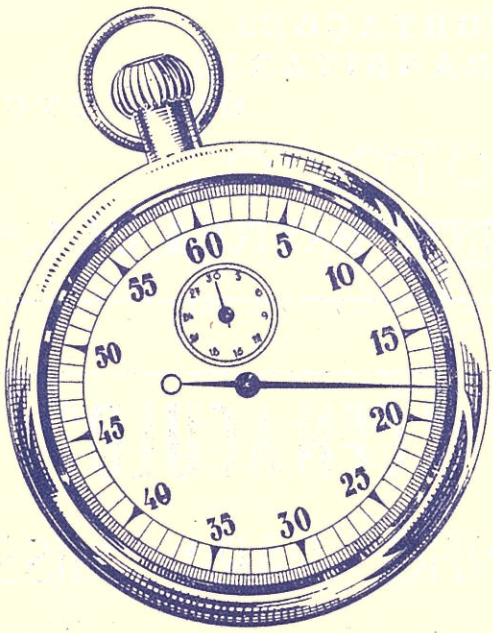
Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL

E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

(REPRESENTAÇÕES

INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC..

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

JUBILEU
Patriarcal e Cardinalício

Ao perfazerem-se os vinte e cinco anos de Pontificado do Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, erguem-se do Patriarcado e de Portugal louvores e agradecimentos, emitem-se votos que são certeza dum futuro ainda mais fértil de favores de Deus ...

Como preito de filial homenagem e profunda gratidão, «Novellae Olivarum» une a sua voz humilde à de todos os que festejam tão feliz aniversário.

Bem haja Sua Eminência

Novellae Olivarum quis tomar parte na celebração do jubileu de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal Patriarca, nosso venerando e querido Prelado, consagrando-lhe o presente número.

Com as suas singelas palavras, quisera fazer um hino de louvor e de gratidão, Àquele que é, por excelência, o Dom de Deus à Diocese de Lisboa, e que nestes vinte e cinco anos de luminoso e fecundíssimo Pontificado, tem sabido ser o Instrumento do Senhor.

A obra extraordinária, que Sua Eminência escreveu, em páginas imorredoiras, ao longo destes cinco lustros, difunde-se por variados e volumosos capítulos, um dos quais tem de ser necessàriamente o dos Seminários.

Desde a primeira hora que o problema dos Seminários tomou posse de todo o coração de D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Foi assim, e vemos que assim devia ter sido.

É que sem Seminários, nem seminaristas nem Sacerdotes. Sem Sacerdotes, nem Sacrifício nem Sacramentos. E extintas as fontes da graça divina e da Vida Sobrenatural, que temos nós senão vastos cemitérios de almas, nos campos, nas aldeias, nas vilas, nas cidades... Diocese em tal estado é diocese morta.

Ora o Bispo é Aquele que Deus colocou à frente do seu povo com a missão de lhe comunicar a Vida do mesmo Deus. Ele é o Homem da Fé. Ele é o Homem da Verdade. Ele é o Homem da Graça. Ele é o Homem da Caridade. Ele é o Homem da Vida Sobrenatural. Ele é o continuador da Obra de Nosso Senhor Jesus Cristo, revestido da plenitude do Seu Sacerdócio, depositário da Sua Doutrina, investido da sua Missão. É o que tem o direito e o dever de ensinar, de orientar, de perdoar e de castigar. É ele que fala aos homens as palavras de Deus e que apresenta a Deus as palavras dos homens. Levanta-se entre o Céu e a terra para com Cristo, em Cristo e por Cristo estabelecer o «Admirável Comércio» entre as infinitas riquezas de Deus e a constante indigência do homem.

Mas para que esta obra redentora, cresça em eficácia e extensão, e assim possa atingir todos aqueles a quem se destina, tem necessidade

o Bispo de muitos santos Sacerdotes, por meio dos quais Ele ensine, oriente, perdoe, santifique.

Pobre do Bispo que não tem Clero... Que importa que possua em abundância tudo o mais que seja auxílio na tarefa redentora e santificadora que o Senhor lhe confiou?

Ele continua a ser o Homem limitado, impossibilitado de tudo poder fazer por si mesmo. A sua voz, por mais sedutora e luminosa que seja, não chegará aos confins da Diocese. Para que o Bispo possa ser o Santificador, o Redentor e o Salvador, Cristo presente, vivo e actuante no meio dos homens, a favor dos quais foi constituído, CARECE DE SACERDOTES. São eles que o prolongam; são eles que o tornam presente; são eles que o tornam fecundo; são eles que o tornam realizador.

Mas é dos Seminários — viveiros sacerdotais — que estes Sacerdotes hão-de sair. Normalmente, ninguém é feito Sacerdote, sem passar pelo Seminário. É ele o cenáculo que os forma. É ali que o Pai Celeste contempla, com olhar amoroso, seus eleitos, providenciando por que todas as variadas e múltiplas circunstâncias se harmonizem para o pleno desenvolvimento dos escolhidos. É ali que o Divino Mestre se vai revelando, no silêncio e na solidão, seduzindo e apaixonando, pela Sua Obra, os que hão-de ser Seus continuadores. É ali que o Espírito Santo opera, forte e suavemente, na purificação, iluminação e mística união das almas daqueles que serão os instrumentos de Deus na aplicação dos efeitos da Redenção Divina.

É nessa casa de Deus, que se chama Seminário, que o Bispo, de coração apostólico, tem postas as suas esperanças. Nela contempla o futuro da Diocese. É o Seminário que o alenta, que o fortalece, que lhe dissipa as núvens do horizonte.

E Sua Eminência, vendo perfeitamente estes problemas, ei-lo que se lança às cegas na obra da construção e restauração dos Seminários. Sem dinheiro, sem casas, sem clero, desprovido de meios humanos, põe os olhos em Deus, levanta os braços ao Céu, entrega a causa à Irmã celestial dos Sacerdotes, e mete ombros à empresa, plenamente confiado em que o Céu abençoaria e daria fecundidade aos esforços, às canseiras e às vigílias, a tudo quanto se fizesse para que a Diocese Lisbonense tivesse mais Sacerdotes. E o Céu abençoou... e o Céu fecundou... e o Céu ferti-

lizou... e o Céu deu o necessário incremento. A obra prodigiosa aí está. Cada pedra tem a sua história. Cada história traz em si um milagre. Está patente o selo de Deus.

Bem haja sua Eminência pelos Seminários que nos deu. Bem haja pelo amor com que os fez e pelo carinho com que os envolve e acompanha. Bem haja ainda pela grande ambição com que a eles preside.

A tudo isto, só poderemos responder, continuando a pedir com mais fé e mais amor: «SENHOR, QUE ELE PERMANEÇA FIRME NA FÉ, APASCENTE O SEU REBANHO NO VOSSO PODER E NA SUBLIMIDADE DO VOSSO NOME».

C.º Amaro

PATERNIDADE

«Pater Domini Nostri Jesu Christi, ex quo Omnis paternitas, in coelis et, in terra nominatur».
«O Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo donde vem toda a paternidade, no céu e na terra» (Ef. 3. 15).

É a grande revelação do Novo Testamento, que Deus é Pai.

Que a criação visível nos leva a exigir um princípio criador, do qual, como a água da fonte, ela se precipite na existência, já S. Paulo o disse escrevendo aos Romanos: «A sua (de Deus) grandeza escondida, isto é, o Seu poder eterno e a sua divindade são, depois da criação do mundo, para quem reflete nas suas obras, visíveis». (1)

Ao criador podem as criaturas, só por serem suas criaturas, dar vagamente o nome de Pai! . . .

Mas antes que houvesse criação, antes que Deus, fazendo apelo à Omnipotência do Seu Amor, derramasse fora de si a vida, no seio de Deus, na intimidade exuberante de Deus onde se identificam o Tudo e a Unidade, «nos esplendores santos, antes que houvesse aurora» (2) sobre a terra, no sempre actual Hoje *da eternidade, Deus revê-se no Filho que gera de Si mesmo e com Ele dialoga, sem «o vão ruído dos nossos lábios, onde a palavra começa e acaba», (3) o diálogo do eterno Amor: — «Tu és meu Filho!» (4) — «Tu és meu Pai!»... (5)*

Deus é Pai! Deus é Filho!

Deus Pai comunica-se a seu Filho, numa doação total de Vida infinita!... Em que plenitude Deus não é Pai!... Em que plenitude Deus não é Filho!... Deus é Pai no sentido absoluto, *portanto,* supremo *da palavra. Deus é Filho, na plena significação do vocábulo e só Ele O é plenamente!...*

---

(1) Rom. 1, 20.
(2) Salmo 109.
(3) S. Agost. Confiss. Livr. IX, 10.
(4) Salmo 109.
(5) Salmo 88.

Mas Pai e Filho, no mundo do espírito. Deus é espírito. E é no espírito que a Sua Paternidade existe e é realidade perfeita. A comunicação da Vida que se opera na paternidade segundo o espírito é-o mais pròpriamente, mais perfeitamente, que segundo a carne!

As palavras por que designamos qualquer coisa de Deus são as mesmas que usamos para a nossa vida humana, de modo que elas não podem aplicar-se a Deus senão em sentido análogo. Assim, se dizemos que Deus é Pai, é por semelhança com o que entre nós se concebe a respeito de paternidade.

A realidade, significada, porém, por essas palavras é mais verdadeira em Deus que em nós e só em Deus se verifica plenamente. Assim, é Deus só quem é Pai em toda a plenitude; o homem sê-lo-á em medida participada e imperfeita. Deus é espírito e é Pai no espírito; donde que a Paternidade autêntica e total é a do espírito. Segundo a carne será mais imperfeita e menos total e é sempre poder participado da infinita Paternidade de Deus: Pater, ex quo omnis paternitas.

*
* *

De toda a criação Deus chamou o homem para ser acima de qualquer outra criatura, continuador da Sua obra, renovador da vida sobre a terra. Adão e Eva «tiveram filhos e filhas...» (1)

Também estes e estas pronunciaram o doce nome de Pai. Ecoava então à face da terra a palavra do eterno êxtase do céu: Tu és meu Pai! Tu és meu Filho!...» E para que os homens fossem mais de perto semelhantes ao Filho Unigénito, Deus quis, porque Deus é amor!..., que os filhos dos homens fossem seus filhos também. Para além e para cima do pai terrestre que lhes deu a vida... mortal, a vida que é já princípio de morte, os homens deviam levantar os olhos ao céu, até «ao Pai donde vem toda a paternidade» e que dá a Vida que não morre e a Ele repetir-lhe, em eco humilde, a palavra do Seu Unigénito: Meu Pai!

Em lugar, porém, do sorriso terno de filhos... os homens esqueceram-se de seu Pai!...

---

(1) Gen. 5, 4.

Quando Deus, com o Amor que só podia sair de coração paterno, quer preparar o mundo para a chegada de Seu Filho que o vem salvar, chama Abraão e diz-lhe: «Sou Eu Quem fala: esta é a minha aliança contigo: serás pai *de muitas gentes». (1)*

O progenitor do povo escolhido é dado por Deus a todos os Seus eleitos como pai, o pai de todos os crentes, Pater fidei nostrae! (2) Dele dimanaria a Fé, a vida segundo o espírito *e será por este título, de princípio da vida sobrenatural, que S. Paulo poderá dizer: «Reconhecei, pois, que os que são da Fé esses é que são filhos de Abraão». (3) A paternidade define-a, uma vez mais, pela comunicação da vida e da vida do alto, da vida superior, mais do que pela da vida terrena.*

*

* *

E se o homem recebesse de Deus o poder e a missão de comunicar a Vida, a VIDA com maiúsculas, a Vida que está em Deus, — in ipso Vita erat?! (4) *Então esse homem participaria da Paternidade divina, seria também ele Pai, no espírito, mas em verdade.*

E, por mais admirável que a coisa pareça, o homem recebe de Deus o poder de comunicar a própria Vida de Deus:

— *«Ide e ensinai todas as gentes, baptizando-as...» (5) A* pregação *é caminho para a Fé e os que pela Fé recebem a Deus, recebem também «o poder de se tornarem Seus filhos, não nascendo da carne, nem da vontade humana, mas de Deus...» (6)*

O baptismo *opera este nascimento. E o homem, por cujo ministério se operam tão grandes milagres de graça, os filhos de Deus, que a Deus chamam Pai, chamam-lhe igualmente a ele pai — Padre.*

---

(1) Gen. 17, 4.
(2) Antif. Sab. ant. septuag.
(3) Gal. 3, 7.
(4) João, 1, 4.
(5) Mat. 28, 19.
(6) João 1, 12-13.

— «Aqueles a q u e m perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados...» (1)

Pela palavra vivificante da absolvição Sacramental, a Vida volta a animar as almas mortas e, sobre a aridez das que o pecado queimou, torna a florir o jardim do paraíso!

— «Fazei isto em memória de mim». (2)

«Eu sou o pão da Vida. O que come a minha carne tem a vida eterna». (3)

E os filhos de Deus recebem o Pão de Deus das mãos daquele a que justamente chamam seu Pai, *seu* Padre.

— «Recebei o Espírito Santo». (4)

O Espírito é o sopro de Vida; é o hálito de Amor que une, em laço de amizade eterna, o Pai e o Filho. O «Espírito de Jesus» é também o Espírito de todos os filhos de Deus. «Recebestes o Espírito de filhos adoptivos, pelo que chamamos [a Deus]: Abba, Pai!» (5)

Mas é pelas mãos sagradas do homem sagrado que o Espírito vem! Com razão se lhe dá o nome de Padre, Pai!

*

* *

A Diocese, porção da Santa Igreja, mas porção completa e perfeita, é a família de Deus e o seu Pai é o seu Bispo. Nele reside toda a plenitude dos poderes sacerdotais de Jesus. Nele está a Vida de Deus. Ele é a fonte. Dele e só dele pode jorrar para os outros homens a água da vida eterna.

Também ele é homem, circundado das mesmas enfermidades», (6) mas mais do que homem, ele é o Homem de Deus — Homo Dei (7) — *outro Cristo. Ele tem a Vida e tem o poder de a distribuir. Ele é verdadeiramente* Pai.

---

(1) João, 20, 22, 23.
(2) Luc. 22, 19.
(3) João 16, 55.
(4) João 20, 22.
(5) Rom. 8, 15.
(6) Heb. 5, 12.
(7) I. Tim. 5, 11.

Mas é principalmente pela ordenação de outros sacerdotes que o Pontífice se manifesta mais claramente Pai. O Bispo cria outros sacerdotes. É da sua plenitude sacerdotal que ele os gera. Por um poder que não lhe vem, nem de sua inteligência, nem de sua vontade, nem das suas forças, mas sòmente de Deus, o Bispo comunica a outros homens a graça de serem eles também sacerdotes, de serem Padres, Pais segundo o espírito.

Por este poder espiritual, aquele que parecer renunciar a todas as alegrias da paternidade, torna-se, no espírito, (segundo o qual Deus, donde vem toda a Paternidade, é Pai), fonte de Vida.

Pastor, Doutor, Pontífice, o Bispo no meio de sua e nossa Igreja, aquela a que Deus o uniu como a Esposa muito amada, é também o Pai da nossa Fé, «Pater fidei nostrae»!...

P. F.

O MESTRE E GUIA DAS INTELIGÊNCIAS

O jubileu patriarcal de Sua Eminência que a Igreja e Portugal celebram é acontecimento grande demais para ser enaltecido, e remata um Pontificado tão cheio de actividades que não pode sintetizar-se nas páginas de uma revista.

Vinte e cinco anos de renovação profunda e ubíqua nos espíritos e consciências, que cinzelaram a letras de oiro o nome do Patriarca de Lisboa na história e na Eternidade...

Da obra edificante de Sua Eminência no duplo aspecto da fé e da inteligência nestes vinte e cinco anos, apraz-nos salientar aqui o Apostolado do catedrático que se tornou o «guia e alento da inteligência portuguesa», e jubilosamente saudamos o Príncipe da Igreja que é a «figura primacial do pensamento português».

Precisamente na hora em que parecia afundar-se na desordem e dissolução o Portugal duma tradição nobre e cristã, surge esse cavaleiro e missionário, a indicar-lhe a grandeza e nobreza espiritual do seu destino e da sua inteligência.

A experiência de apóstolo e de mestre, colhida entre uma juventude desorientada e no ambiente duma mentalidade revolucionária viciada por toda a diversidade de filosofias racionalistas, foi coisa providencial para o renascimento e recristianização do pensamentos português.

O mundo moderno deslocando o Absoluto da ordem sobrenatural para a ordem natural dos valores, erigindo em falsos absolutos valores efémeros, caminhava inconscientemente para a derrocada. Corria atrás das aliciantes filosofias que apareciam a prestar socorro, na «feira das humanas transitórias novidades», aos desesperos e desilusões do homem e da sociedade.

Tal vida sem esperança, desenganada já de todas as experiências humanas, falava angustiosamente à alma profundamente cristã do Dr. Gonçalves Cerejeira. Sabia que qualquer problema humano não podia encontrar solução completa em idealizações puramente racionais, cuja resposta se perde muitas vezes no «negrume e no silêncio do nada».

Põe então ao serviço de Deus, por amor aos homens, o fulgor da sua inteligência e o quente esplendor de uma alma apostólica.

Publica em 1924 *A Igreja e o pensamento contemporâneo,* livro de escândalo e alvo de contradições. Eram visões novas dos problemas e dos acontecimentos. A fé e o saber defrontam e desfazem «as maiores objecções do racionalismo e do laicismo numa sequência de dissertações silogísticas em que o douto professor da Universidade transparece na dialética do sacerdote, renovando as grandes tradições pascalianas». Nesta obra, disse alguém, «se fecha o diálogo com um pensamento a ultrapassar-se e se abria sugestivamente o diálogo com o novo pensamento que nascia». Conhecedor profundo da crise contemporânea, podia assim dominar os graves problemas da época para os debater à luz da sã filosofia.

Entretanto Pio XI veio desviá-lo, «inspiradamente», da cátedra e dos seus livros para o colacar no trono episcopal. Missão mais alta lhe estava confiada. Dela tomou imediata consciência. E o humanista de outros tempos, com a autoridade divina que lhe assiste, começa a ensinar o humanismo integral que deve nortear a vida social, política e intelectual.

Só a vida do espírito que o cristianismo encerra pode encher o vazio do humano. O mundo porém tinha repelido e ultrajado a sua doutrina. Era necessário mostrar-lhe de nova que a Igreja não se divorcia de nada que interesse legìtimamente ao homem. Antes porém a aplicação da sua doutrina e leis estabeleceria no mundo o mais alto e salutar bem-estar.

Foi ensinando ao mundo moderno estas verdades construtivas, e desmascarando a astúcia dos seus erros, que Sua Eminência se afirmou já como um dos «príncipes de espírito mais fulgurante» do nosso país e da Igreja Universal.

Tem posto especial cuidado em denunciar a ideologia comunista, o existencialismo ateu e as falsas concepções modernas sobre o Estado e a questão social. Vejamos nalguns extractos das *Obras Pastorais* o seu pensamento decisivo...

O comunismo é uma revolução satânica e totalitária que ameaça a família, o Estado e a sociedade:

> O comunismo mobiliza em seu favor o espírito revolucionário do mundo. Constitui uma ameaça para todas as nações. Nunca na história se presenciou assim uma organização universal contra Deus e Cristo.

Terá o comunismo uma doutrina?

Qual é, pois, a doutrina do comunismo? Partindo do materialismo histórico de Karl Marx, cria a ilusão de que a abastança na igualdade fará um mundo novo. Para a realizar, é preciso destruir as classes, que os comunistas chamam indistintamente exploradoras...

Reforma social por conseguinte contra as injustiças da sociedade capitalista. Mas longe de um materialismo grosseiro...

O Evangelho de Jesus Cristo fundamenta-a e reclama-a e realiza-a melhor que o *Capital* e o *Trabalho* de Marx.

Tem também um método o comunismo...

Consiste em apoderar-se do Estado como «aparelho especial»... para destruir todas as sobrevivências da sociedade capitalista... O Estado, pois, na mão da aguerriada vanguarda comunista, como instrumento impiedoso da revolução social.

Quererão eles com isto a verdadeira democracia?

Democracia, para o comunista, resume-se afinal de contas, nisto: ditadura de uma minoria ao serviço de uma classe.

Não é esse o sentido da democracia...

Para o cristão, a palavra democracia implica a limitação do Estado, a igualdade perante a lei, o pluralismo social, a garantia dos direitos da pessoa humana, o respeito da liberdade individual, a aceitação dos valores morais, o poder ao serviço do bem comum, a participação de todos na gestão pública.

Não há pois conciliação entre o cristianismo e o comunismo...

Possuem como nós todos os recursos da ciência e da técnica contemporâneas. O que nos separa e opõe radicalmente, é a concepção da vida, é a ideia do homem, é o problema de Deus e da alma humana, é o evangelho do amor. Entre o comunista ateu e o cristão... há a separá-los toda a dimensão do homem.

Terá alguma garantia de salvação?

O Estado comunista fará passar pela prova do fogo e do sangue a humanidade, mas, em vez de a transformar divinamente, encontrará no fim o cadáver dela.

Só a Igreja...

...salvará ao mesmo tempo a liberdade e a pessoa humana, promovendo que esta seja suficientemente garantida em todos os planos da vida económico, social, cultural, político, religioso.

*
* *

Outro erro dos tempos modernos é o existencialismo ateu...

No domínio do pensamento, outra coisa não é senão uma filosofia do desespero a que levanta agora aí a sua barraca na feira das humanas transitórias novidades.

Pouco importa enaltecer o esplendor da moral do homem e a aventura da vida sem fé...

Ela edifica-se precisamente sobre a angústia da dor, do mal, da morte, num mundo irracional... Abandonado a si mesmo, sem fim, sem lei, sem essência, o homem dissolve-se. A sua angústia torna-se grito que cai no abismo do nada, sem resposta nem consolação.

O fim do homem é transcendente, por isso...

O homem que quer resolver por si só, sem Cristo, o seu destino humano, acaba necessàriamente por perder-se... Um mundo absurdo em que «os outros são o inferno»; no fundo e no fim da existência, a náusea, a ânsia, o desespero.

Não admira que o mundo não tenha paz...

Se o mundo se afasta de Cristo, e só no seu reino ela pode existir. Esta angústia universal que aflige todos os corações pacíficos não será, ao mesmo tempo, testemunho da sua ausência e apelo desesperado ao Salvador desconhecido?

*
* *

Apesar de todas as boas vontades, de solenes debates nas assembleias, e de louváveis instituições, a questão social é cada vez mais escandalosa... Porquê?

A lei evangélica da justiça e do amor, cujo fruto é a paz, não se vê ainda incarnada nas ideias, nos costumes, nas instituições e nas estruturas, quer no interior das nações, quer nas relações delas entre si.

É facto que brada aos céus que multdiões imensas não tenham, num mundo em que os bens aumentam prodigiosamente, condições humanas de existência.

Que a sociedade não assegure o salário vital a uns, enriquecendo desmedidamente outros; que não assegure a quem trabalha a sustentação da família, dando a outros em excesso; que não assegure a protecção na doença, na invalidez, na falta de trabalho: — é, como já foi dito por outrem, uma sociedade em estado de pecado mortal.

A Igreja reivindica por conseguinte:

> O direito de orientar superiormente toda a actividade humana, ainda a económica e social, em ordem à realização da mais equitativa distribuição dos bens.

*

* *

De mais alta projecção no mundo intelectual são as duas mensagens que tratam das relações entre a Igreja e o Estado...

A Igreja é independente de todo o poder humano...

> Mensageira da divina palavra, a Igreja não se deixará amarrar jamais ao carro triunfal dos senhores do mundo. Mas iluminará o caminho por onde todos poderão passar, respeitando os direitos de Deus, servindo os augustos fins do homem... Esta separação do domínio temporal e do domínio espiritual é a trave mestra da civilização cristã... Um regime sacerdotal dos negócios temporais é anti-católico.

Hoje o perigo não é o clerical...

> O perigo é que César de novo pretenda honras divinas, como senhor absoluto das consciências e dos interesses temporais. ...É por isto que a Igreja, legìtimamente condenou e condena o totalitarismo cesarista, comunista ou demagógico — porque todo o totalitarismo político nega a missão e a liberdade da Igreja e sacrifica os direitos da pessoa no altar do Estado ou da classe ou da multidão.

Mas se a Igreja está fora da política...

> Não estão fora nem acima de tal política os católicos. Pelo contrário estão colocados no interior mesmo do problema político. Cidadãos, têm o direito de cooperar para o bem público na medida das suas luzes e capacidades.

Por isso quando as circunstâncias o permitirem...

> ...esta presença dos católicos na vida pública poderá ir até à constituição de partidos políticos de inspiração doutrinal cristã, como instrumentos de actuação política.

Saibamos no entanto...

> A Igreja tem a resposta de sempre: — está acima e fora da política concreta dos regimes, sistemas, governos, partidos, programas, pessoas enquanto estes respeitem a liberdade da Igreja e os princípios fundamentais da ordem moral, social e política.

Porque se o temporal «toca no altar» a Igreja terá o direito de intervir, mas...

> Neste caso, não é a Igreja que faz política; é a política que faz anti-religião.

*
* *

É assim a palavra do Cardeal Patriarca de Lisboa. Proclama os direitos da verdade e da justiça mesmo quando muitos não podem suportar a sua independência e clareza.

Por isso o seu nome é venerado.

Em Portugal, a sua palavra tem sido a farol pendente do ressurgimento nacional. É para o mundo uma lição e uma autoridade, necessária mesmo ao espírito independente de um Maritain...

Melhor, porém, que tudo o que se disser nos fala a contemplação da sua obra, um autêntico «vendaval do Pentecostes».

J. C.

A VIRGEM MISSIONÁRIA

Percorre as terras vastas do Patriarcado a Imagem da Virgem de Fátima, e dão-se espectáculos que assombram e comovem. Tão falados são, que nos escusamos de referi-los. A verdade é que povos, embrenhados em confrangedora ignorância das verdades cristãs, abrem-se numa sincera exclamação de fé.

Porém, daqui ou de acolá, ouvimos lamentar que esses acontecimentos religiosos mais dêem «reboliço» do que proveito espiritual realmente efectivo estável. Há, primeiro que mais, de notar-se que a passagem de Nossa Senhora pelas freguesias, passagem precedida por semanas de pregação e coroada por visita pastoral, é medida de emergência para o Patriarcado onde núcleos populacionais se perderam, no todo ou quase, para a Igreja. Arrefecidos, mesmo, os entusiasmos, é gratuito negar que muitos dos espíritos se dispõem, ainda que só passivamente, a uma acção pastoral mais continuada e metódica. O mal está, sobretudo, na falta de clero e na correlativa ignorância religiosa não desaparecida com tais manifestações de fé. Por isto é que logo emortece o proveito espiritual, logo a fé se lhe tolhe numa indefinível e adormecida crença ou, até, em nocivas crendices. Aliás, apesar de tudo, tem de reconhecer-se que as populações ficam em melhor condição espiritual do que antes. Embora em total abandono de clero, as cristandades japonesas, que S. Francisco Xavier missionara, mantiveram-se durante séculos até que lhes viessem novos apóstolos.

Bem manifesta nas viagens missionárias da Imagem Peregrina é aquela verdade que a tradição cristã exprime no aforismo «Per Mariam ad Jesum». Que missão é a de Maria senão a de revelar Cristo ao mundo? Rainha dos Profetas, Rainha dos Apóstolos. O Patriarcado irá regressando a Cristo, o mundo ingressará em Cristo levados por Maria. Contudo, é errado supor que a Medianeira universal leve os homens a Cristo apenas pela evidência luminosa dos milagres ou pelos espectáculos assombrosos das manifestações que Lhe são feitas. Fátima surge na Igreja não porque à Igreja falhem os meios de salvar a humanidade. Fátima recorda à cristandade, temerosa de perder-se, que a âncora de salvação existe, única e certa, na Igreja — Corpo de que o Verbo nascido de mulher (Gál. IV, 4) é Cabeça. A mensagem de Fátima ecoa, no Século XX

como um grito que resume todo o apelo da Igreja bimilenária. Não é a *penitência,* que a Virgem recomendou na Cova da Iria, a mesma «*metánoia*» que S. Pedro pregara na manhã de Pentecostes? E a oração recomendada não é a que nos une à Oração por excelência, desde sempre elevada pelo Verbo ao Pai, e que Maria, Mãe do Corpo místico, ergue com este a Cristo e por Ele ao Pai Eterno?

Os mistérios de Maria enquadram-se perfeitamente nos mistérios de Cristo. A ausência de festas particulares da Virgem no culto litúrgico dos cinco primeiros séculos da Igreja, ao contrário de manifestar desconhecimento da piedade marial, explica-nos a consciência, então bem viva, de que Maria é parte íntima dos mistérios da Incarnação e da Redenção. «Toda a festa de Cristo é uma festa da Virgem» — diz Dom Thierry Maertens. (1) Ao surgirem as várias festas mariais, a Virgem Santíssima continuou presente na Liturgia Eucarística e na dos vários Tempos, sobretudo Advento, Natal e Epifania, como A existente antes de todas as criaturas na presença dos Mistérios de Deus: — «*Dominus possedit me in initio viarum suarum, antequam quidquam faceret a principio*» (Prov. VIII, 22; Epíst. Immac. Concept).

Pela meditação de tais realidades, compreendemos como toda a piedade marial deve conduzir os fiéis a participarem da Oração e dos Mistérios de Cristo. Assim como a nossa filiação divina vem, pela Fé e pelo Baptismo, de nos tornarmos um com Cristo (Gál. III-28), assim Maria é tanto mais nossa Mãe quanto mais nos conformarmos com o Seu divino Filho.

Corresponderá a estes princípios a piedade que a grande parte dos fiéis consagram a Nossa Senhora? Sem nos darmos a investigações demoradas, supomos não ousado afirmar que, para muitos, a piedade para com a Virgem, ou talvez melhor, as devoções para com Nossa Senhora, se revestem dum carácter utilitário, para não lhe chamar «interesseiro». Não afirmamos ser condenável a devoção que leva o nosso povo a valer-se, em todos os momentos, de Nossa Senhora. Simplesmente

---

(1) «Paroisse et Liturgie» — Julho de 1954. Diz ainda o ilustre beneditino de Saint André: «os primeiros séculos fazem já parte da história da liturgia marial e poderíamos construir o que eu chamaria o período mistérico, aquele em que a liturgia marial está totalmente inserida, a ponto de confundir-se com ela, na celebração da própria plenitude do mistério cristão».

pode cair-se numa piedade truncada. E porque assim acontece, tal piedade chega a levar a aberrações como as sucedidas nas falsas aparições da Asseiceira. A par da sabida exploração de alguns, há gente do povo que reza e acredita, ainda que seja preciso desobedecr à autoridade da Igreja e aceitar as mais ridículas heresias.

Qualquer devoção popular a Maria deverá ser paralitúrgica, no sentido primeiro do vocábulo, isto é, deverá caminhar na linha cristológica da Liturgia Marial. Na encíclica «Mediator Dei», Pio XII recomenda «as orações particulares a Nossa Senhora, entre as quais avulta o Rosário», pois que, inspirando-as «genuína piedade, entre a Liturgia e esses actos de religião não pode existir verdadeira repugnância». E mais diz o Santo Padre que devoção como «as do mês de Maio em honra de Nossa Senhora, as novenas, etc. (...) excitando o povo cristão à frequência do sacramento da Penitência e à participação do Sacrifício Eucarístico e da Sagrada Mesa, e bem assim à meditação dos mistérios da nossa Redenção (...) por isso mesmo frutuosamente contribuem para a nossa participação no culto litúrgico». Sem já nos referirmos à comentada devoção, que nada corresponde à «*piedade genuína*» de que fala Sua Santidade, consideremos o panorama das devoções marianas comuns em nossas igrejas: a reza diária, ou, ao menos, dominical do terço, as novenas da Imaculada Conceição e de outras festas litúrgicas, o mês de Maria e o mês do Rosário. Tem de reconhecer-se a pobreza do esquema tradicional de tais devoções. O terço, em lugar de ser mais valorizado, usa-se como elemento de recurso para toda e qualquer função extra-litúrgica, seja marial, seja até de adoração eucarística. A longa recitação das mesmas preces ganha monotomia, e é bem explicável que os velhos durmam e os novos se distraiam. As costumadas leituras no mês de Maio, buscadas em livros por vezes sem valor algum, não podem reconhecer-se como sólido alimento para a formação espíritual dos que as escutam. É certo que agradam e comovem a piedosa assembleia, mas agrado e sentimento não são critérios que valham. Mesmo quando haja boa pregação, tão difícil de conseguir-se, instruem-se os fieis mas não se perde a monotomia, continua a deficiência de oração, de louvor intensamente vivido pela comunidade cristã.

Devendo, pois, a reforma destes actos de culto orientar-se para mais viva participação na liturgia, não parece que haja melhor caminho do que conformá-los com as celebrações litúrgicas. Há, porém, de ter-se em

conta o que Pio XII escreve na «mediator Dei» como norma para quem se abalance à renovação de tais actos: — «Faria coisa errónea quem, temeràriamente ousasse empreender a reforma destes exercícios de piedade e os quisesse reduzir a estritos esquemas litúrgicos». E logo acrescenta: — «É, todavia, necessário que o espírito da Sagrada Liturgia e os seus preceitos exerçam sobre eles uma influência benéfica». Uma influência do espírito da Liturgia, eis o que, primàriamente, deve ser conseguido. E porque a Liturgia não é esquema rígido mas vida a comunicar-se, qualquer adaptação que se faça, do plano da celebração litúrgica para a celebração extra-litúrgica, deverá ter e conseguir como finalidade a comunicação duma vida, a comunhão das almas em Cristo.

O plano fundamental de qualquer função litúrgica estudada nas mais remotas origens do culto cristão, resume-se no tríptico: *leitura sagrada, carta e oração*. Este o esquema encontrado na Missa, no Ofício Divino, na Vigília Pascal, etc. Três elementos que devem ter-se em conta em qualquer celebração do culto privado, e que aliás existem nos esquemas tradicionais em uso. O que interessa é aviventá-los com o espírito de que se enche a Sagrada Liturgia.

Já para não cair nesse perigo de estandardizar os actos de culto marial na rigidez geométrica dos esquemas, já porque só com experiência pastoral poderia concretizar planos de facto aproveitáveis, apenas me limito a apresentar certos princípios e alguns elementos colhidos em testemunhos criteriosos que poderão servir a quem os deseje.

O Rosário é, normalmente, o principal elemento da celebração marial extra-litúrgica. Surgindo ele na história da piedade cristã como o breviário, o saltério dos leigos, deverá rezar-se como é o Ofício Divino: oração de unidade cristã inspirando-se e meditando na Palavra de Deus. «No Rosário, poderá dizer-se que a Santíssima Virgem nos ensina a ler, a meditar e a realizar o Evangelho» — disse-nos o Senhor Cardeal Patriarca na sua Pastoral sobre o ano Mariano, de 24 de Setembro de 1954.

Donde, afirmamos o valor máximo da substituição dessas leituras costumadas no mês de Maria pela dos Livros Santos. Será com a formação escriturística(tiremos à expressão qualquer solenidade erudita) dos fieis que lhe daremos a conhecer Maria e o Seu Divino Filho. A Palavra de Deus é a única transmissora de vida. «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Deut. VIII - 3) — afirmação que o próprio Cristo corroborou contra Satanás (Mat. IV, 4).

Conhecendo Maria pelas Escrituras, conhecer-se-á por Maria a Cristo e à sua Igreja. (1)

O P.e Roguet num dos números de «La Maison-Dieu», em artigo sobre os ofícios dos domingos à tarde, depois de opinar pela recitação do terço entre os dois lados da assembleia num tom quanto possível uniforme (à maneira de salmodia) e terminando cada mistério com o Glória Patri cantado por todos em melodia breve e simples, propõe (como aliás já vimos entre nós) que se faça uma breve leitura bíblica que introduzirá os fiéis na meditação do mistério proposto. Ele mesmo indica vários textos no quadro seguinte que transcrevemos:

Para os mistérios gozosos

Anunciação —: Génesis, 3, 14-15. — Luc. 1, 26-38 (Ev. de 25 de Março). — Isaías, 7, 10-15 (Epíst. da 4.ª feira das Têmporas de Dezembro). — Isaías, 11, 1-5 (Epíst. da 6.ª feira das Têmporas de Dezembro).

Visitação —: Luc., 1, 39-47 (Evang. de 2 de Julho). — Cant., 2, 8-14 Epíst. de 2 de Julho).. — Mat., 11, 2-10 (Evang. do II dom. do Advento). — Joan., 1, 19-28 (Evang. do III.º dom. do Advento). — Isaías,, 49, 1-3, 5-7 (Epíst. de 24 de Julho). — *Benedictus* (Luc. 2, 68-79).

Natividade —:Mat., 1, 18-21 (Evang. de 24 de Dezembro). — Luc., 2, 1-14 (Evang. da missa da meia-noite). — Luc., 2, 15-20 (Evang. da missa da aurora). — Joan. 1, 1-14 (Evang. da missa do dia). — (Epístolas dessas missas).

Apresentação do Templo —: Luc., 2, 22-32 (Evang. de 2 de Fevereiro). — Luc., 2, 33-40 (Evang. de 30 de Dezembro e do Dom. dentro da oitava do Natal). — Joan., 8-12-20 — *Inviolata.* — Salmo 83.

Perda e encontro de Jesus —: Luc., 2, 42-52 (Evang. da Sagr. Família). — Luc., 19, 41-47 (Evang. do IX.º Dom. depois do Pentecostes; zelo de Jesus pelo Templo). — Joan., 7, 14-18 e 25-29.

---

(1) «Marie, figure pascale de l'Église» — Don Maertens — «Paroisse et Liturgie» — (Novembro de 1954).

Para os mistérios dolorosos

Agonia —: leituras tiradas das narrativas da Paixão. — Predições da Paixão, Mat., 16, 21-23. — Salmo 42. — 2 Samuel, 15, 30-32; 16, 5-13 (subida de David ao monte das Oliveiras). — Mat., 21, 33-44.

Flagelação —: Fil., 2, 5-11 (Epíst. do Dom. de Ramos). — Hebr., 9, 11-15 (Epíst. do Dom. da Paixão). — Salmo 37. — Isaías, 62, 11 e 63, 1-7 (Epíst. de 4.ª feira Santa). — I Petr., 2, 19-24.

Coroação de espinhos —: Joan., 18, 33-37 (Evang. de Cristo-Rei). — Isaías, 53. — Salmo 68.

Caminho para o Calvário —: I Petr., 2, 21-25 (Epíst. do II.º Dom. de Páscoa). — Joan., 12, 24-26 (Evan. de 10 de Agosto). — Mat., 16, 24-27 (Evang. de 30 de Maio). — Marc., 8., 34-38.

Crucifixão —: leituras tiradas das narrativas da Paixão. — Salmo 21. — *Vexilla Regis* (Sexta-feira Santa). — *Stabat Mater* (7 Dores).). — *Pange língua... certaminis* (Sexta-feira Santa). — Joan., 3, 1-15 (Evang. de 3 de Maio). — Joan., 19, 31-37 (Evang. do Sagr. Coração e do Preciosíssimo Sangue). — Joan., 12, 31-36 (Evang. de 14 de Setembro). — Joan., 19, 25-27 (Evang. de 15 de Setembro).

Para os mistérios gloriosos

Ressurreição —: Todos os textos do Dom. de Páscoa e dias seguintes. — Salmo 21 (última parte). — Salmo 16. — Salmo 117 fragmentos). — I Corint., 15, 1-10 (Epíst. do II.º Dom. depois de Pentecostes). — I Corint., 15, 51-57 (Epíst. de 2 de Novembro). — Rom., 6-3-14.

Ascensão —: Todos os Textos da Festa. — Ef., 2, 4-8. — Ef., 4, 7-13. — Salmo 109. — Salmos 23, 46. — Joan., 3, 11-17 — Col., 3, 1-4.

Pentecostes —: Todos os Textos da Festa; Actos, 1, 4-8; 12-14; 2, 12-41. — Veni-Creator. — I Corint., 12, 2-11 (Epíst. do X.º dom. depois de Pentecostes). — Rom., 7, 12-17 (Epíst. do VIII.º dom. depois de Pentecostes).

Assunção —: Introito, Epístola e Evangelho da Festa nova, ou da antiga, de 15 de Agosto. — Luc., 11, 27-28 (Evang. do Comum da San-

tíssima Virgem). — Prov., 8, 22-35 (Epíst. de 8 de Dezembro). — Salmos 16 (da Ressurreição), 23 e 46 (da Ascensão). — Cântico de Ana (I Reis, 24, 1-10. — Cant., 3, 8-14.

Coroação da Virgem —: Ave Regina Coelorum. — Apoc., 11, 19; 12, 1 e 10 Epíst. de 11 de Fevereiro). — Marc., 3, 31-35; Salmo 44.

Convirá que a leitura seja acompanhada por sucintas palavras que expliquem à assembleia o alcance do texto. Após a leitura, poder-se-iam guardar uns breves momentos de silêncio para a meditação da Palavra de Deus escutada. Que, também na Liturgia, o silêncio entra como valor positivo, e bem útil é que seja vitalizado numa época de nenhum tempo dado à reflexão. Que sentido tem o «Flectamus genua» senão o de convidar a comunidade à oração mental? O Acto principal do Sacrifício Eucarístico realiza-se no silêncio, «altissimum silentium» (ainda que, por vezes, se ache mais delicioso escutarem-se uns momentos líricos de harmonium).

Afora os textos indicados pelo P.e Roguet, apresentamos alguns mais com notas explicativas preciosas para uma pequena prédica sobre Nossa Senhora. Durante todo o mês de Maio se poderão ler páginas da Sagrada Escritura que exaltem, que dêem a conhecer Maria tal como o Senhor no-l'A deu. Apenas são indicados passos do Antigo Testamento, como prova de que Maria não é estranha na história dos Patriarcas e do Povo Eleito. Nela se cumpriram as Escrituras. «Fecit mihi magna... sicut locutus est ad patres nostros» (Luc., 1, 49 e 55).

O índice e os comentários das leituras são do P.e Carlos Rauch e foram publicados no «Bulletin ecclésiastique du diocèse de Strasbourg» (1-Maio-1949).

1) Génesis, 1, 26-31; 2, 4-9: as duas narrativas da criação do primeiro homem e da primeira mulher. *Mirabiliter creasti:* grandeza do primeiro homem criado à imagem de Deus; *mirabilius reformasti:* Maria é a única mulher que iguala, que ultrapassa o protótipo da mulher, pela riqueza dos seus privilégios. Maria, realização plena e íntegra da mulher segundo a ideia de Deus.

2) Génesis, 3, 1-24: a queda dos nossos primeiros pais. A mulher, pela sua desobediência, destrói o plano de Deus. Maria,

pela sua perfeita obediência e conformidade à vontade de Deus, restabelece-o. Eva, «mãe dos viventes», torna-se mãe «mãe dos mortais»; só Maria tem direito a este nome de «Mãe dos viventes», dos que vivem em Cristo.

3) Génesis, 3, 14 e Apocalipse, cap. 12: a primeira promessa do Salvador; a missão da mulher na luta com o demónio. A mulher do Apocalipse apresenta os traços concretos de Maria e representa a Igreja. A Liturgia aplica estes textos à Santíssima Virgem.

4) Génesis 12, 1-7; 15, 1-8; 18, 9-11: O começo da economia da salvação; promessa feita a Abraão e a Sara; a mesma promessa feita à Virgem Maria: um filho. Difícil apreendimento da fé pelos Patriarcas. Sara é incrédula, duvida da Promessa; Deus é paciente na Sua obra de educação para a fé. Maria realiza, enfim, a plenitude desta fé; nela se completa esse divino esforço que levou dois milénios a enraizar na Terra a fé salvadora.

5) Génesis, Cap. 24: Isaac e Rebeca. Intervenção divina na escolha duma esposa para o Patriarca Isaac. As graças e virtudes «naturais» de Rebeca, a sua caridade generosa, primeiro bosquejo da imagem daquela que o Anjo saudará como A cheia de graça.

6) Êxodo, 2, 1-10; 15, 20-22: A história de Myriam, irmã de Moisés. Primeira na linhagem das grandes mulheres de Israel. Salva a vida do irmão que deve livrar o seu povo. Participa do triunfo dos Israelitas após a travessia do Mar Vermelho; canta e faz cantar as mulheres de Israel. O Magnificat da Virgem: «quia fecit mihi magna qui potens est». A travessia do Mar Vermelho, prefiguração do Baptismo.

7) Juízes cap.s 4 e 5: História e cântico de Débora. Débora *mulier fortis;* Maria:*Virgo-potens.* Vitória sobre o rei de Canaan, prefiguração das vitórias da Virgem Maria sobre o poder das Trevas; «Gaude, Virgo Maria, cunctas haereses sola interemisti in universo mundo». (Comum de N. Senhora — 3.º Nocturno).

8) O Livro de Ruth: Ruth, a moabita, a pagã, entra na linhagem dos antepassados de Maria e de Cristo (Booz-Ruth; Obed; Jessé, David). Nela, os gentios são chamados à Salvação pelos Judeus. Maria, padroeira das obras missionárias, prepara ainda e sempre a vinda de Cristo.

9) Livro I de Samuel, cap.s 1 e 2: — Ana, mãe de Samuel. O seu cântico, protótipo do Magnificat.

10) Livro de Judite: Antefigura a missão de Maria na obra da Redenção. Ver a Epístola da Festa das Sete Dores.

11) Livro de Ester: Esta mulher de sangue real é uma das mais belas prefigurações da Rainha do Céu que intercede pelo seu Povo.

12) Livro dos Macabeus: A mãe e os sete filhos martirizados prefiguram a Virgem Dolorosa.

13) Cântico dos Cânticos: Foi largamente aproveitado pela Liturgia das festas mariais. Ver esses textos.

14) Livros Sapienciais: Ver os textos litúrgicos tirados desses livros e aplicados por acomodação à Santíssima Virgem: Comum de N. S.ª; Imac. Conceição; Assunção; Nome de Maria; etc.

15) Profetas: Em particular, o Texto de Isaías — 7, 10-15.

Outro elemento essencial às celebrações do culto é o canto. Como exigência natural do homem e, ao mesmo tempo, como indefinível apelo ao mistério, o canto, surge, desde as mais primitivas civilizações, traduzindo o sentimento religioso, incarnando nas funções rituais a misteriosa presença da divindade em que se embrenham as almas. Nunca a música não religiosa pode atingir a densidade humana que têm, por exemplo, os «Spirituals» cantados pelos negros da América. Ao abstrair do carácter religioso, em que mergulha a sua razão de existir, toda a música se reveste de apostasia e cai na vacuidade das coisas sem forma.

Como elemento cultual, o canto encontrou no Cristianismo a sua plenitude. Mais do que sublimá-lo, a religião cristã «sobrenaturalizou-o», fê-lo por excelência Oração do Corpo Místico.

S. Tomás define o canto como «*exsultatio mentis prorumpens in vocem*». Todo o canto religioso, litúrgico ou não, deve, pois, sair da inteligência possuida por uma verdade que a arrebata: a verdade que lhe é comunicada na poesia excelsa dos salmos, dos Profetas e dos poetas cristãos; a verdade que inunda a Liturgia como o Sol inunda os Templos na cor festiva dos vitrais; a verdade-sacramento que a Igreja distribui aos famintos e pobres segundo as bem-aventuranças; a verdade que é Jesus Cristo. Na medida em que os homens esqueceram tal verdade, foi-se empobrecendo o canto religioso. Manifestação clara de como a piedade cristã, ainda que sincera, se desvirtuou. Perdeu-se o sentido do canto da assembleia, breve, simples, aclamativo, para se desenvolver desmedida e indevidamente o canto da «schola», por vezes espectacular, teatral.

Nas celebrações de culto extra-litúrgico isto mesmo se devia ter em conta. Pôr a assembleia a cantar. O efeito executivo será menos agradável, na verdade. Mas escolham-se trechos simples, compreensíveis.

Damos graças a Deus, porque no Patriarcado se está preparando um movimento de renovação já com precursores aqui e além. Têm de banir-se as músicas rendilhadas e salobras, as letras mirabolantes e vazias. As mais belas orações exprimem-se na poesia porque esta nos eleva a um conhecimento superior envolto de mistério. Se toda a poesia é descoberta de realidades inefáveis, como é que nos atreveremos a chamar poesia a certas letras, cantadas nas igrejas, feitas, segundo parecem, para encobrir verdades que em prosa humilde todos perceberíamos?

De entre as músicas populares muitas se encontram, sobretudo a Nossa Senhora, que se poderiam aproveitar para as nossas celebrações extra-litúrgicas. E, entretanto, confiamos que a renovação da música religiosa depressa frutifique. Nossa Senhora, que singelamente ergueu o seu cântico «*Magnificat*», seja modelo e protectora de quem se dê a tal obra.

Pelo caminho da celebração litúrgica, que informe toda a piedade cristã, Nossa Senhora verá mais bem aceite a missão que A trouxe ao mundo: dar-lhe Cristo.

FERNANDO MELRO

UMA OBRA LITERÁRIA

Quando em 1928 o jovem Doutor Cerejeira foi feito Arcebispo da Santa Igreja, teve a saudade a despedir-se dele em Coimbra e a admiração a esperá-lo em Lisboa.

Admiração tal, não é de estranhar; antes, é bem justa a concretização que ela tomou um ano depois, no convite para membro da Academia de Ciências O Excelentíssimo Arcebispo de Mitilene, porém, declinou a distinção, dizendo em carta agradecida ao Dr. Júlio Dantas: «Eu não poderia ser um sócio activo dessa sábia Academia, — pois, amando tanto os livros, hoje só posso e só desejo estudar um, que é Cristo Crucificado». Uma grande frase duma grande alma, nobre príncipe da Santa Igreja.

Mas, sendo Cristo Crucificado, o Seu Evangelho, o Seu Reino social, o livro futuro, bem pequena é a diferença que o distingue dos passados. Jesus Cristo, a defesa da sua Igreja, foi o livro que sempre leu e o tema que sempre versou. Foi o tema do estudante crente e destemido, e o tema do professor apostólico. Ainda mesmo quando era o crítico historiador a escrever, o seu modo de julgar e de dizer reflectia sempre uma profunda visão cristã.

Comecemos por Coimbra, se bem que ela não seja o princípio.

Os seus primeiros e vibrantes escritos são a imagem duma alma já em fogo, a defender e a bendizer a Igreja, ou a ensinar e a lutar com a juventude crente do seu tempo. As obras desses anos estudiosos lêem-se, pelo interesse dos temas e beleza de forma, com verdadeiro prazer. Livros, escreveu-os só quando doutor, mas o seu nome era já conhecido. Em *Vinte Anos de Coimbra,* compilação feita por Mons. Moreira das Neves de vários escritos desses tempos, estão alguns dos muitos artigos que o ilustre académico espalhou por revistas e jornais. Data do primeiro mês de Coimbra o início desse verdadeiro apostolado; não admira que um talento invulgar se tornasse imediatamente notório. Já o fora meses antes para um distinto catedrático, que, ao ouvir em sessão solene as suas palavras, lhe augurou com largos elogios a carreira académica. Diga-se de passagem que com essas palavras principiava Sua Eminência a publicação literária: «Oh! a primeira prosa minha num grande jornal, que meus olhos releram muitas vezes, com a crescente admiração do jornal, da prosa, e de mim próprio».

Mas voltemos aos bancos de Coimbra. Será bom apontar data para esses tempos de estudante: foram de 1909 a 1918. Assim, saberemos apreciar melhor toda a firmeza apologética desses primeiros capítulos da obra citada. O garboso académico, que é orgulhosamente católico, gosta de frisar, e fá-lo com veemência, a verdadeira acção do cristianismo, na sua obra criadora; toma as objecções dos críticos e apaga-as sob o esplendor da Igreja, que para o mundo é Luz e para ele é Fogo, a incendiar-lhe a mocidade e a fazer-lhe dizer, ao apontar exemplos de dedicação cristã: «Dê-me a revolução um único exemplo — um único — destes, que eu far-me-ei revolucionário. Desafio-a».

O que logo se evidencia são as frequentes citações, sempre oportunas e reveladoras de porfiada curiosidade no saber. Essa vasta actualização cultural, ressalta ainda mais em trabalho intitulado «Renascença Cristã», onde se aponta com alegria o ressurgimento para Cristo que, desde o final do século passado, se vem acentuando nos campos do pensamento. O Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro diz serem estas páginas ainda tímidas, mas não duvida acrescentar que são já «pública revelação dum grande talento, metódico e subtil».

Mas, não é isto o que de maior há nos anos de estudante. E o C. A. D. C.? E o «Imparcial»? O que foram esses anos de luta contra a fúria republicana? A alma de fogo que sempre defendeu a Verdade e juvenilmente lutou pela causa da Igreja, ficou gravada em todos os discursos e artigos desse tempo. O C. A. D. C. era o baluarte da mocidade crente e lutadora. Mas, quem se recolhe no baluarte não é herói; só o é quem sai para a batalha. Assim o entendeu, entre outros, o aluno Gonçalves Cerejeira. E surgiu o semanário católico «Imparcial». E ei-lo, como director a escrever em letras de fogo: «Quem somos? — Rapazes que ainda não sentiram enregelar-lhes a alma o vento frio e invernoso do desânimo e da descrença. (...) A que vimos? Trazer a alegria no esforço e a esperança na tenacidade e a fé no futuro». Foram epopeia, esses dias heróicos em que um grupo de rapazes, hoje nomes ilustres, discutiu, discursou, escreveu. Gonçalves Cerejeira estava à frente, com a certeza da doutrina, a segurança no combate, o entusiasmo do discurso. Não vivemos esses momentos de luta, e contudo, ao lê-los, temos saudades.

Entretanto nas aulas tudo eram loiros. A 30 de Janeiro de 1918 era doutor em letras com 20 valores. «O seu talento formosíssimo e brilhante, a vastidão dos seus conhecimentos, o seu espírito científico, superiores

qualidades de método e de exposição, tudo isto foi largamente comprovado», disse o Dr. António de Vasconcelos no acto de doutoramento.

Agora, já não era condiscípulo, mas era ainda companheiro a lutar e amigo a ajudar... sempre o foi. A mocidade coimbrã sempre lhe foi querida. Para ela escreveu, com o coração, as linhas que hoje temos juntas, em *Cartas aos Novos,* o código espiritual do C. A. D. C.. «Vós, cujo coração virgem se abre ainda às grandes e nobres ideias, como uma flor ao pólen que a fecunda, vós sois capazes de me compreender. Conheço-vos: amais a verdade e querei-la inteira, como almas que ainda se não metalizaram». E conselhos sábios, lições de formação sólida e atraente, gritos de «nobres e revolucionárias audácias», seguem-se, em páginas cheias de vida e carinho, todas numa prosa castiça e simples, num estilo leve e fluente, com o sabor da graça espirituosa por vezes, a lembrar risos francos aos que o conhecem. Páginas «cheias de enérgicos apelos, de conselhos amigos, de fraternais confidências, de ecos do céu e do sabor de Cristo», disse do livro Mons. Moreira das Neves, e os rapazes, no seu próprio dizer, «pegaram nele, saborearam-no com o gosto com que se lê uma página de Antologia, leram-no com o fervor de quem encontrasse nas páginas frias dum livro, o quente esplendor de uma alma».

E o Professor de história, que fez ele? O amante dessa ciência a que todos chamam mestra da vida e Herculano «a profecia do futuro», não se limitou a brilhantes exposições, nem mesmo a reduzidos trabalhos de invulgar erudição. Escreveu livros. Soube tirar dessa história que é mestra, as lições que ela contém, soube medir e apreciar, ter visões exactas sobre pontos a que deu real interesse, podendo depois escrevê-las na forma que lhe é própria: forma distinta, cadenciada, exacta, simples.

A primeira obra aparecida foi *O Renascimento em Portugal — Clenardo,* obra em dois volumes, sendo o primeiro apresentado como dissertação de doutoramento. O trabalho dá-nos a biografia de Clenardo, sobretudo no que mais se relaciona com o Renascimento entre nós. Em 1926 apareceu *O Humanismo em Portugal — Clenardo.* Apresentamo-lo com as palavras em prefácio do Autor: «Não é uma obra inteiramente nova, esta. (...) Mas não é tão pouco uma pura reedição». Prende-se ele agora mais com a biografia do ilustre flamengo, tomando-o sempre como índice do Portugal de então. É obra profundamente documentada, escrita em linguagem correcta e tom ameno, onde não faltam repetidas

notas humorísticas, a tornar leve e atraente todo o contexto. O A. apresenta excelente tradução das cartas do humanista.

Vieram entretanto trabalhos de menor fôlego, mas todos dignos da maior apreciação.

Mais tarde, apareceu *A Idade Média,* um livro que agrada pelo equilíbrio de uma visão justa. Conheceu já o elogiu da reedição. A consciência recta do crítico imparcial, resgata do negro epíteto de «Noite de dez séculos» a «época das grandes sementeiras». Refutam-se, com largo apoio em seguros documentos, todos os preconceitos falsos e ataques malévolos, para vermos «uma Idade Média na história da civilização pensada por uma consciência cristã de historiador, filósofo e teólogo». Para o autor, «a civilização moderna começa precisamente no que se chama Idade Média».

Mas o sábio Doutor Gonçalves Cerejeira, não se fechou na Universidade. Saiu para continuar a batalha. Em 1924 apareceu a magistral obra *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo.* Eis um dos maiores livros que no campo do pensamento se têm publicado em Portugal. A obra devia compreender três volumes, estudando sucessivamente «o facto religioso, perante a ciência e a filosofia; no segundo, o facto católico, perante as lições da experiência religiosa; e no terceiro, o facto cristão, perante a história e a crítica». Quis o decorrer dos factos que apenas aparecesse o primeiro volume. A Ciência e a Religião são postas em estudo, observadas nos seus valores, esclarecidas nas suas relações. O espírito contemporâneo e a Religião, discorrem entre si sobre os mais basilares pontos da vida humana. Pela acuidade do assunto e pelo alto valor da doutrina, o livro foi realmente uma das obras mais preciosas que em nossos dias se publicaram.

O A. disse em prefácio: «Se ele conseguir agradar a alguém, direi imitando Pascal: — ficai sabendo que é feito por um homem que acredita tudo que aí deixa e a escrevê-lo ajoelhou mais de uma vez». Sim; o livro agradou a Portugal, ao Brasil, à Espanha; são prova disso cinco edições sucessivas, que nos dizem também da preferência que por ele tem o autor, pois se vem dando ao cuidado de as rever e ampliar. Da obra disse Mons. Moreira das Neves: «Livro amado e combatido, foi uma chama que se ergueu e um clamor que fez eco. Provocou estremeções de alma como em D. Carolina Michaelis; entusiasmou crenças arreigadas, como no coração

brasileiro do grande Jackson de Figueiredo; e irritou orgulhos de certos intelectualismos racionalistas, como no Dr. Sílvio Lima».

Eram assim os livros do Doutor Cerejeira. E os livros são a tradução da sua alma, e de toda a sua vida. Era seguro e profundo na doutrina (recordo a justeza com que refutou alguém que, na defesa do Milagre de Ourique, comprometia toda a doutrina católica sobre o milagre); era apaixonado pela verdade; era ardoroso a espalhá-la; numa palavra, possuia todas as qualidades necessárias para que Sua Santidade Pio XI o julgasse digno do alto lugar que lhe tinha destinado. Foi em março de 1928. Primeiro Arcebispo, e depois Cardeal Patriarca. Trocou Coimbra por Lisboa, para aprender e ensinar um livro mais alto: «Cristo Crucificado». E que bem ensinou. Não escreveu livros, mas os seus belos discursos, as suas cartas pastorais, as suas mensagens, não se podiam perder. Bem fez quem as compilou e no-las vem dando. Com o título de *Obras Pastorais,* publicaram-se já quatro volumes, contendo o que de mais notável Sua Eminência disse ou escreveu nestes vinte e cinco anos de pastor.

Na impossibilidade de falar de toda a multidão de temas versados, quero contudo apontar quatro que me parecem os principais. São os que mais estão no coração de Sua Eminência. O primeiro é o clero. Basta abrir o primeiro volume, para ver toda a solicitude que o Pastor tem pelos seus continuadores, «pela sua coroa de glória». O seu zelo está no cuidado em apontar a solução ao problema que surge, em formar mentalidade em dias tão desorientados, em ensinar a pastorear a parte que a cada um distribuiu.

Aos novos, e mais expressamente à Juventude Católica deu também grande parte do seu coração. Ele, que tão bem conhece o fogo da mocidade, sabe incendiar, dirigir, entusiasmar: «Ponho em vós as minhas melhores esperanças (...) Sois vós que levais na vossa mão o facho aceso da luz que de Cristo recebi, para que ela luza e ilumine os meios em que viveis».

As alocuções sobre Nossa Senhora, são também abundantes, cheias de ternura, de fé e amor. A Ela consagrou todo o trabalho apostólico desde o seu início. A Ela tem rezado e dela tem falado por esse Patriarcado fora. Sobre Fátima, muitas linhas estão escritas, e de todas se conclui como Sua Eminência vive a mensagem da Cova da Iria. «Fátima, quer dizer: ressurreição de vida, libertação do pecado, divina iluminação

da alma, pacificação do coração, Fé, Esperança e Caridade; amor de Deus e dos homens, paz, alegria, liberdade». E de tudo isso ele tem falado, em tantas das inúmeras vezes em que tem sido o intérprete da Virgem, como em muitas peregrinações, na Viagem da Senhora a Lisboa, no Centenário da Padroeira, no Congresso Internacional da Mensagem de Fátima.

E o seu amor à Pátria? — eis uma quarta nota, bem caracterísica no elenco dos seus trabalhos. Disso são testemunho os seus patrióticos discursos por terras da Madeira, Açores, Angola, Moçambique, Índia, Brasil e até Estados Unidos. Como herói de outros tempos, ele foi «o representante de Portugal fiel a si próprio, desse Portugal eterno, cuja missão histórica se poderá resumir nesta palavra: que ele foi cruzado de Cristo no mundo». Com Cristo, levou Portugal que lhe está no coração.

Eis alguma coisa da grande obra literária do Cardeal Cerejeira.

Não quero terminar ainda sem juntar mais uma nota. De Sua Eminência não sei que haja versos, e contudo muitos não duvidam dizê-lo um poeta. A poesia não está nos versos, está na alma. E Sua Eminência sabe sentir, vibrar, cantar. A conferência, já publicada *A alma de São Francisco de Assis* e o discurso do passado dia 18 de Novembro, são verdadeiras jóias de poesia, ainda que estejam em prosa.

É assim o Cardeal Cerejeira. Se apontar aos jovens rumos de beleza e heroísmo é formar a mocidade, o Cardeal Cerejeira é educador; se escrever lições eloquentes, de profundeza e verdade, é ensinar, o Cardeal Cerejeira é mestre; se defender e espalhar com justeza e amor a Verdade da Igreja é pregar, o Cardeal Cerejeira é apóstolo. Numa variedade de temas reveladora de vasta e profunda erudição, sabe educar, ensinar, pregar. E tudo isto em linguagem castiça e simples, numa construção airosa, atraente, cheia de harmonia e colorido, onde, a seu tempo, entram o apelo entusiasta, o traço veemente ou a nota humorística.

O Cardeal Cerejereira lê-se com gosto. Lê-se como um mestre do pensamento e mestre da língua, porque o é na verdade.

ALBINO CLETO

CÂNTICO

(A Sua Eminência, o Senhor
Cardeal Patriarca)

Assim eu fui: — ousada caravela
Ao vento dando as velas, mar em mar!.....
Atrás de mim — o rosto duma estrela;
A' minha frente — o Sol a despontar! —

Assim eu fui: — erguendo em cada vela
Anseios desfraldados de chegar
A' Terra viva, esplendorosa e bela
Onde eu ergui a Cruz do meu Altar! —

No mar da vida, tudo me valeu:
— Sulcar as ondas com a dor ao leme!
— Beber o turvo cálix que chorei!.....

.....Tudo valeu para que fosse Teu
Um rubro coração que exulta e freme,
Igreja — doce pátria a quem me dei!

FERNANDO MELRO

SERVAS DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Ninguém ignora o lugar de relevo que ocupam na organização e actividade eclesiásticas as ordens e congregações religiosas. A história testemunha o papel que tiveram em todos os grandes empreendimentos e reformas. A Vida Religiosa é mesmo algo de tão essencial na vida da Igreja, que o seu florescimento constitui um dos mais seguros critérios para julgar do nível geral de vida cristã em qualquer época ou lugar. E assim, também pelo movimento de Vida Religiosa no Patriarcado podemos formar uma ideia de todo o alcance e profundidade da obra realizada pelo Cardeal Cerejeira.

Sem outros intuitos que os de mera apresentação, vou cingir-me à obra das *Servas de Nossa Senhora de Fátima,* Congregação que surgiu e se desenvolveu sob os auspícios de Sua Eminência.

Os inícios da obra remontam a 1910, precisamente ao período em que a Igreja se viu perseguida nos seus ministros, espoliada, e duramente atingida com a expulsão das Ordens religiosas.

Ainda sem qualquer carácter oficial, formou-se um grupo de senhoras presididas pela Ex.ma Senhora D. Luísa Maria Mesquita e Melo, Viscondessa de Andaluz, que se colocaram inteiramente ao serviço da Igreja, no cumprimento de todas as tarefas que os nossos Prelados entendessem confiar-lhes.

O movimento tomou proporções (chegou a contar 200 membros espalhados pelas diversas dioceses) e em 1922 a mesma senhora concebeu a ideia de fundar uma nova Congregação religiosa inteiramente ao serviço da hierarquia no trabalho pela recristianização de Portugal. Sua Eminência acolheu a ideia com grande entusiasmo e logo lhe deu o seu apoio activo. Na leitura das Constituições muito se descobre do pensamento e feição peculiar de tudo quanto é obra do Cardeal Cerejeira.

O regime de experiência durou até 1939, altura em que, dado o *Nihil obstat* pela Sagrada Congregação dos Religiosos, o Instituto foi erecto

canònicamente por Sua Eminência. A esta data possuia já 8 casas no Patriarcado, duas na diocese de Évora, uma na diocese da Guarda, e outra na diocese de Leiria.

Actualmente funcionam 11 obras espalhadas pelo Patriarcado.

Em cada uma das dioceses da Lamego, Leiria e Guarda está instalada uma comunidade com vários ramos de actividade.

Existe uma grande diversidade de ocupações: imprensa, enfermagem, ensino, obras sociais, auxílio aos párocos na catequese e outras obras paroquiais, etc.

Uma palavra sobre a natureza e fins de congregação far-nos-á descobrir todo o atractivo da sua mística de colaboração e auxílio ao sacerdote, a autenticidade e dinamismo da acção apostólica que se propõe e o tom geral das suas Constituições plenamente adaptadas às circunstâncias do nosso tempo.

A Vida Religiosa em geral, atravessa grave crise, que se faz sentir de modo particular, sobretudo no que respeita ao recrutamento, nas ordens e congregações femininas.

Em 15 de Setembro de 1952, o Santo Padre dirigindo-se às Madres Gerais reunidas num primeiro congresso internacional, lamentava o facto nestes termos:

«As ordens femininas atravessam uma crise muito grave: referimo-nos à baixa do número de vocações... Em grande número dos países europeus é inquientante. Em regiões onde, há vinte anos, a vida religiosa estava em plena eflorescência, o número de vocações baixou para metade...»

Não há dúvida que a par da crise, tal como sucede em todos os outros campos da Igreja hoje trabalhados por prodigioso esforço de renovação, se verifica uma intensa actividade conduzida por todos os elementos responsáveis. Procede-se à investigação e estudo das causas que provocaram a decadência. Verificando-se que a descristianização não é o único factor a considerar quanto à falta de afluência aos conventos, trabalha-se, no respeito pelo essencial da vida religiosa e fidelidade ao pensamento do fundador, por adaptar as Regras e Constituições à mentalidade moderna, marcada pelas condições novas da vida.

Por último, frente a necessidades novas, criam-se novos institutos, cujo sucesso vem encorajar todos os já existentes a prosseguir no esforço de «modernização».

O programa das *Servas de Nossa Senhora de Fátima* está bem delineado nas seis primeiras bases das constituições, que definem a natureza, fim e espírito do Instituto:

«1) Este Instituto coloca-se sob a protecção especial de Nossa Senhora de Fátima adoptando o seu nome.

Tendo em certo modo origem no movimento de reparação e restauração religiosa que as aparições de Fátima assinalam, é constituido por donzelas e viúvas que fazem a doação total das suas pessoas e bens ao Serviço do Reinado Social de Jesus.

2) Esta doação é feita oferecendo-se à Hierarquia para cooperar com ela e sob a sua direcção, no serviço da Igreja.

3) À imitação de Nossa Senhora que a si própria se chamou a «Serva do Senhor», tomam o nome de« Servas de Nossa Senhora de Fátima» querendo ser em tudo, como Nossa Senhora, as «Servas do Senhor», consagradas ao culto de Jesus Sacerdote, presente em seus Ministros. Não podendo ser sacerdotes, desejam, como Santa Tereza do Menino Jesus, formar em si uma alma sacerdotal e cooperar com o sacerdócio oficial.

4) O fim do Instituto é portanto formar almas consagradas ao serviço da Igreja (na qual se perpetua o sacerdócio de Jesus Cristo) as quais, qualquer que seja a sua ocupação própria, orando, sofrendo, trabalhando, têm a intenção de:

a) prestar a Deus, em união com Jesus Sacerdote, a devota homenagem de adoração, acção de graças, propiciação e súplica, em união com todo o clero;

b) fazer a imolação total da própria vida a Jesus Sacerdote na pessoa dos seus Ministros, aos quais dão, principalmente pela sua santificação interior, orações, trabalhos, sofrimentos e méritos, continuando a ajudá-los ainda depois da morte;

c) imitar, ajudar a cooperar com o apostolado Sacerdotal, propondo-se servir em todas as obras para as quais sejam chamadas pelo Pastor da Diocese, de quem vão ser as mais humildes colaboradoras, fazendo-se as mais fieis executoras e apóstolas não só das suas ordens como também das suas indicações e desejos, e coadjuvando os párocos nas obras de zelo e apostolado. Conhecendo bem a falta de Clero paroquial e a necessidade de pessoal especializado, para certas obras modernas de apostolado paro-

quial, as «Servas de Nossa Senhora de Fátima» fazem doação de si mesmas nas mãos do seu Bispo, prontas para o trabalho do apostolado paroquial, também nas paróquias sem pároco, na catequese, no canto litúrgico, nas escolas, nos patronatos, nas visitas domiciliárias aos pobres e doentes, nas casas de trabalho femininas, na imprensa, etc.

5) O espírito do Instituto pode resumir-se nestas palavras: doação inteira a Jesus Sacerdote, honrando-O, imitando-O, e servindo-O nos seus Ministros. Por Cristo Sacerdote e Vítima, com Cristo e em Cristo, unidas à Igreja, sua esposa triunfante, purgante e militante, as «Servas de Nossa Senhora de Fátima» querem oferecer-se em holocausto perpétuo, desejam consagrar-se a promover o desenvolvimento das vocações sacerdotais, a santificação e o exercício do ministério sacerdotal, unidas incessantemente ao seu sacrifício, à sua oração, ao seu trabalho... com Maria, a Serva do Senhor. «Ecce Ancilla Domini».

6) O Instituto é assim uma espécie de segunda Ordem do Clero secular para orar, e trabalhar com ele e por ele.»

O fim último de todas as ordens religiosas consiste em, através da prática dos conselhos evangélicos que facilitam e aperfeiçoam o amor de Deus e do próximo, servir o Corpo Místico segundo a inspiração do fundador.

As *Servas de Nossa Senhora de Fátima* concretizam de forma particular essa função porque se propõem colaborar, mesmo no campo activo e visível, com os que são os obreiros qualificados desse mesmo Corpo.

As bases acima transcritas traçam um ideal grandioso de doação e apostolado. Tal programa é bem susceptível de aliciar as gerações modernas de jovens, que aspiram por consagrar a Cristo todo o entusiasmo das suas almas juvenis, numa entrega incondicional e absoluta.

Nestes tempos em que não há lugar para atitudes neutras e reservas pusilânimes ou calculistas, vão rareando felizmente as vocações nascidas do sentimentalismo religioso ou de desejos de simples fuga do mundo. Importa que se apresentem aos novos, ideais elevados de generosidade e sacrifício ao serviço duma causa grande.

De notar que estas irmãs fazem entrega das suas pessoas e das suas vidas para «todas as obras a que sejam chamadas pelo Pastor da diocese».

Esta inteira disponibilidade, exigência básica da Congregação, a que está ligada a ausência de hábito, denuncia a sua plena adaptação às necessidades actuais. Neste ponto pode pôr-se em paralelo com a Acção Católica no que esta tem de mais fundamental: a universalidade de fins.

O que o Santo Padre Pio XII diz da Acção Católica, distinguindo-a das outras associações, pode bem aplicar-se à nova Congregação em confronto com as Ordens e Congregações anteriormente fundadas:

«Antes de mais sois *Acção Católica.* Esta palavra *Acção,* precisa e compreensiva ao mesmo tempo, indica o carácter próprio da vossa organização e distingue-vos das outras associações católicas. Não já que estas não exerçam também uma acção. Mas a acção delas tende geralmente para uma finalidade peculiar e determinada que se quer conseguir mediante um trabalho organizado... Por isso essas associações tomam ordinàriamente o próprio nome do fim que se propõem. Vós, pelo contrário, chamais-vos simplesmente *Acção Católica* porque... tendes um fim geral e não particular ou específico... A actividade da Acção Católica estende-se a todo o campo religioso e social, i. é, até onde chega a missão e a obra da Igreja».

Quis a fundadora que as *Servas de Nossa Senhora de Fátima* levassem uma vida de intensa união a Deus, principalmente através da oração e espírito litúrgicos, alimentada pelo estudo de matérias teológicas, em vista a um maior esclarecimento e profundeza:

> « 7) A piedade das «Servas de Nossa Senhora de Fátima», dominada pelo pensamento de cooperação com o Sacerdócio, é eminentemente litúrgica, unindo-se com o Clero às intenções e sentimentos da Igreja nos actos principais do seu culto e sempre que lhe seja possível na Igreja paroquial.
>
> 8) A Missa é o centro em torno do qual gravita a sua piedade e na qual renovam sempre a doação das suas vidas a Jesus Sacerdote e Vítima.
>
> 9) Unindo-se à imolação de Jesus, como partículas da grande Hóstia, associam-se não só à Reparação mas também a todos os actos do divino Sacerdote: Adoração, louvor, acção de graças e súplica.
>
> 10) Oferecem-se especialmente no Santo Sacrifício da Missa pelo desenvolvimento das vocações e pela santificação e apostolado dos Sacerdotes.

11) Na acção de graças é sempre obrigatória uma parte pela instituição do Sacramento da Ordem.

12) Para unirem a sua vida de oração à oração oficial do Clero, recitam o breviário ou o ofício de Nossa Senhora, na casa Mãe; nas outras casas, na oração da manhã e da noite, dão pelo menos uma grande parte a fórmulas tiradas do Breviário. Além disso procuram unir-se pela oração e meditação às intensões da Igreja segundo o ano litúrgico.

13) A piedade das «Servas de Nossa Senhora de Fátima» procura dar-lhes uma sólida formação religiosa, criando nelas um espírito religioso simples, esclarecido e enérgico.

14) Além deste espírito litúrgico, de união com o Clero, deixa-lhes toda a sua liberdade interior, limitando-se às práticas comuns, consagradas e experimentadas, da religião — oração mental, leitura espiritual, exame particular e geral e o terço do Rosário. »

As *Servas de Nossa Senhora de Fátima* entram assim no grande movimento de renovação litúrgica desenvolvido nestes últimos tempos. É útil e perfeitamente de acordo com a mentalidade moderna, que vive na preocupação do essencial, a liberdade interior que concede a base 14. Foi com razão julgada inútil, e talvez mesmo prejudicial, essa multidão de pequenas devoções, em que certos espíritos formalistas fizeram consistir, noutros tempos, a piedade dum convento.

O Instituto das *Servas de Nossa Senhora de Fátima,* pela sua feição e finalidade, entra na linha dominante de toda a acção pastoral do Cardeal Cerejeira: restauração do Patriarcado através da renovação do clero. Do sacerdote tudo depende. Uma diocese é o que for o seu clero. Sua Eminência entendeu por bem criar essa forja de colaboradoras directas do ministério sacerdotal. E cremos não estar arrependido.

A. TAVARES

O PRÍNCIPE DE SANTA MARIA

A 18 de Dezembro de 1929 o Santo Padre Pio XI impunha o barrete cardinalício a D. Manuel Gonçalves Cerejeira, recentemente eleito Patriarca de Lisboa. No dia seguinte, a quando do consistório público, Sua Eminência agradecia em nome dos novos purpurados, com palavras que constituem o segundo «Magnificat» da sua vida como Príncipe da Igreja.

Já ao receber a visita dos legados papais, que vieram comunicar-lhe a eleição, é o canto de Maria que lhe aflora aos lábios, como expressão do aleluia de humildade, que lhe cantava a alma.

Toda a vida há-de entoar o «Magnificat» do amor pelo Pai, a exemplo de Maria. Tanto nas horas de triunfo, quando a multidão exclamava com o poeta:

> «Glória! Hossana! Jesus que passa
> Cheio de bênçãos, triunfo e graça,
> Cheio de amor». (1)

como nas horas duras em que o fermento da cruz vai levedando o feliz pão duma vida, que é glória da Igreja.

Há um pensamento que define uma atitude tomada pela vida além, o pensamento da união com o Papa.

«E nós não podemos e não queremos separar-nos de Vossa Santidade, tanto na alegria como na tristeza, tomando a peito formar um só com Vossa Santidade, como Vossa Santidade forma um só com Cristo». (2)

Horas de triunfo ou dor, todas elas são horas de oração. Em Subíaco, em Goa ou em São Paulo, o Cardeal Cerejeira, é sempre o mesmo homem voltado para Deus, o grande apaixonado por Cristo. E porque Jesus é a Verdade, quem O segue não se deixa embalar pelos vivas das multidões, nem com falsa modéstia os rejeita. Acha que eles lhe são devidos, porque

---

(1) Poema de Correia de Oliveira, por ocasião da entrada de Sua Eminência na Sé de Lisboa.

(2) Discurso no Consistório Público, 19-XII-29.

«é tão grande a Igreja Católica, que quando ergue do pó da terra um humilde filho do povo e o põe sobre um trono, — toda a terra se descobre diante dele». (1)

Príncipe da Santa Igreja, corre nas suas veias sangue bem português. Nunca estes dois amores, o da Igreja e o da Pátria, deixaram de arder-lhe na alma, porque se duma é ministro, é filho da outra.

Foi o primeiro Cardeal a visitar Roma de avião, bandeirante no Brasil, em África, na Ásia, em todo o mundo embaixador qualificado de Cristo e de Maria. Toda a sua vida é viagem de paz e de glória. Paz que é fruto da luta, glória que é loucura da cruz.

É por excelência o Cardeal embaixador de Santa Maria. Como os nossos navegantes de outrora, vai por esse mundo além, dar testemunho de Cristo mas testemunho dado por um Português. Como disse o Cardeal Leme, é bem a alma lusa no que ela tem de mais português e mais cristão.

Das viagens dos nossos maiores nasceu a América, abriram-se as portas da Índia, pode dizer-se que nasceu o mundo moderno. Não têm, contudo, menor projecção as viagens do Príncipe de Santa Maria; elas são a semente de um mundo melhor.

«No horizonte português onde a Virgem se dignou sorrir, tudo é sorriso de esperança». Este sorriso, penhor de novos tempos, é vida no rosto do Cardeal Cerejeira, é flor que alegra o altar de Maria.

Nas viagens ao Brasil, fez-se a proclamação do papel desse país irmão, no mundo melhor que todos esperamos. «O Brasil tem a missão de fundir em harmoniosa síntese, a herança católica e latina com o poderoso dinamismo da livre América». (2) E foi o Príncipe ido de Portugal, quem inaugurou a primeira universidade católica do Brasil, alfobre das novas gerações de homens católicos cônscios das suas responsabilidades. A Universidade de S. Paulo marca um estádio dos mais importantes na vida da nação irmã.

Qual bandeirante, redescobriu na Terra de Vera Cruz novas forças, entusiasmou jovens, soprou o fogo escondido sob as cinzas do tempo, para que surja a grande aurora ardentemente esperada.

---

(1) Discurso na Califórnia.
(2) Saudação do Brasil, 5-V-39.

Na Argentina, com o Cardeal Pacceli, é testemunha da fé desses irmãos nossos que hoje começam a sofrer as glórias da perseguição.

Na Califórnia dá-se a mesma vibração de almas; todos acorrem a ver o Cardeal vindo da terra que de tantos fora berço.

Nunca por demais será realçado o valor da viagem feita a Portugal Africano, como Legado do Pio XII. O sucessor dos bispos de Lisboa que abençoaram armadas e expedições, vai visitar as suas terras, levar-lhes a bênção do Vigário de Cristo, sagrar-lhes uma catedral.

Viaja confiadamente sem escolta por mares envoltos em guerra, porque ele, embaixador de Santa Maria, confia na Senhora do Mareantes, Senhora da Praia do Restêlo, Senhora do Bom Caminho.

E nova sementeira de luz se espalha por essa África imensa. O avião em que o Cardeal Legado sobrevoa Moçambique traça no solo uma cruz de Sombra mas que ao mesmo tempo é o sinal da grande esperança. Cruz negra para os que olham para a terra, reflexo doirado voando, para os que sabem esperar de olhos no céu.

O Cardeal passa e sorri com toda a simplicidade, como São Francisco sorria ao arrotear a Itália, já lá vão bastantes séculos. Sorri, e passa trazendo a todos no coração.

Outrora partiu de Lisboa, rumo ao Oriente um legado papal, clarão que incendiou a velha Índia dos brâmanes. Também em nossos dias novo legado foi de Lisboa com o mesmo rumo, para consagrar a obra do primeiro. E Deus sorriu para a Índia, abençoou-a por essa mão bendita do ungido do Senhor. Na mão que traçou o sinal da cruz, ia o anel, sinal de núpcias com essa Igreja donde para todo o mundo saíra o grande clamor de Cristo. Sobre os ódios e malquerenças desceu a bênção de Cristo, flor nascida de Santa Maria de Belém padroeira dos que se lançam na aventura de descobrir novos caminhos.

Levava-a esse que nas voz de Pedro Calmón «é Doutor, mestre, filósofo e ministro de Deus, símbolo vivo da honra, do saber e da religião que fez a Pátria», digno sucessor de S. Francisco Xavier.

Ao terminar a viagem pelo mundo que os portugueses criaram, Sua Eminência podia repetir aquelas palavras ditas antes de partir para o Brasil: «Portugal saúda-o calorosamente e abençoa-o pela minha mão, como velho pai que contempla admirado, orgulhoso e enternecido um

filho que no esplendor da mocidade, exuberante de força e confiança em si, caminha pela estrada da glória». (1)

Em 1950 é nomeado legado «a latere» nas festas em honra de S. João de Deus, o mendigo da caridade, o Português que deu aos espanhois o abraço do amor do próximo, com os olhos em Deus.

A lição de João Cidade, perpetua-se em nossos dias. Foi o santo para Granada tentar a vida; foi o Príncipe a Espanha afirmar a soberania do amor de Deus que deve unir as nações vizinhas empenhadas em glorificar o santo que a ambos pertence.

Inúmeras são as jornadas feitas por Sua Eminência. A que nos interessa sobremaneira, porém, é aquela viagem de paz e glória desde o Vaticano até junto de todos aqueles que dele recebem a mensagem cristã.

Essa, sim, tem um significado que transcende todo o fausto das outras. É na paz, no silência da sua vida obscura que o Príncipe constrói a magnífica obra, preciosa coroa do seu pontificado.

É nessa epopeia do silêncio que se forjam as visões rasgadas que mostram novos caminhos, indicando o Caminho.; que se escrevem as cartas pastorais de projecção tantas vezes universal, as mensagens, palavras do Pontífice a todos os homens de boa vontade.

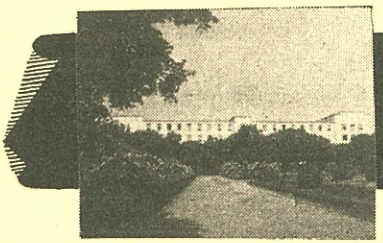
Deposto o principiado das letras, tomou Sua Eminência o principiado da Cruz. E o «Magnificat» continua pelos anos fora como expressão duma vida, cântico de amor, lema de acção. O «Magnificat» onde está a chave de todos os problemas, a atitude cristã, ante a vida, é contìnuamente cantado, dia e noite, a toda a hora pelo Príncipe de Santa Maria. A Virgem Santíssima, quando o cantou trazia o Menino em seu Seio bendito. O Cardeal Cerejeira, na sua romagem de caridade, exulta no Senhor porque dá Cristo a todos.

Ainda há poucos meses, alguém de responsabilidade afirmava que Sua Eminência era o mais prestigioso Príncipe da Igreja. Não nos interessam comparações. Há um título de glória que define Sua Eminência. O Senhor Cardeal Patriarca, é... o Cardeal Cerejeira, Príncipe de Santa Maria.

Fernando Micael

---

(1) Saudação ao Brasil.



CRÓNICA

O nosso Natal

Nenhuma quadra do ano nos fala tanto do ambiente familiar como a do Natal. Sem sabermos porquê somos levados pelo sentimento da unidade. Há um apelo profundo para sairmos de nós e nos lembrarmos dos nossos irmãos.

Assim foi este ano o nosso Natal. Em cada pormenor uma surpresa a preparar um ambiente acolhedor. Quem o não sentiu?

Os vicentinos, numa romagem de amor, foram levar um pouco da luz de Cristo às barracas escuras dos que não têm Natal. Mais do que a esmola, se bem que avultada, ficou o fogo dos seus corações de apóstolos.

Os catequistas visitaram as casas das crianças pobres onde deixaram um pouco do pouco que tinham. E quando, à tarde, cada um sentiu o corpo cansado mas a alma cheia começou o nosso Natal. Como não vivê-lo bem?

A peça de Henri Guéon, tão original de concepção como rica e profunda de verdade, foi uma consoladora fuga à escola clássica de teatro. Que simplicidade encantadora! Que liberdade de artificialismos!

Sem querer, sentimos o primeiro apelo à contemplação do mistério.

O refeitório tinha um ar de festa. Ao meio, o presépio todo nosso porque todo nascido do trabalho e do amor dos nossos, tendo por fundo a árvore do Natal semeada de luzes. Parabéns à Academia dos Filósofos.

Veio depois a cerimónia da Sé para a qual tudo tinha convergido. Ali o verdadeiro mistério já contemplado no canto das Matinas e vivido depois na pedra do altar.

O Menino nasceu ali no meio de nós quando ao darmos o abraço da paz O reconhecemos na paz que nos inundava a alma.

Festas de Catequese

Cada catequese teve a sua festa. As crianças acorreram trazidas pelo encanto desse Menino que só os simples conhecem bem.

Ouviram-se poesias. Houve danças alegres e leves como os seus corpos franzinos e ágeis. Um auto do Natal disse da simplicidade daquelas almas pequeninas. Houve dinamismo, alegria cristã. A pequenada vibrou.

E ainda agora, passado um mês, ouvimos aos mais novos «Quando há outro Natal?»

A nossa Capela

No passado dia nove veio benzer as novas imagens da nossa capela o Senhor Patriarca. A cerimónia foi simples mas significativa.

Foi tomando esta bênção como tema que nos dirigiu algumas palavras.

Poucas vezes Sua Eminência nos tem falado com tanto calor e com uma visão tão nítida dos problemas. Em cada frase um apelo ao ideal heróico da nossa vocação que só poderá ser conquistado na luta. E depois aquela maneira tão sua de despertar entusiasmo, sem esconder os sacrifícios a vencer. Aqui está decerto todo o triunfo do seu apostolado. Talvez porque tanto sabe exigir dos seus, tanto estes lhe sabem dar. Que D us o ajude a saber sempre pedir...

ALBERTO NETO

Sociedade Editora
ALA ESQUERDA
Composição e impressão de Jornais Livros e Revistas
Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Telef. 268 - **BEJA** - Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)



Sociedade de Tapeçarias, L.da
ESTOFADORES E DECORADORES
Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669
Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.
Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas
As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros
Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

LIVROS RELIGIOSOS PARAMENTOS IMAGENS MISSAIS E TODOS OS ARTIGOS PARA O CULTO
LIVRARIA CATÓLICA
FUNDADA EM 1866
SOUSA TAVARES, Limitada
220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757 LISBOA



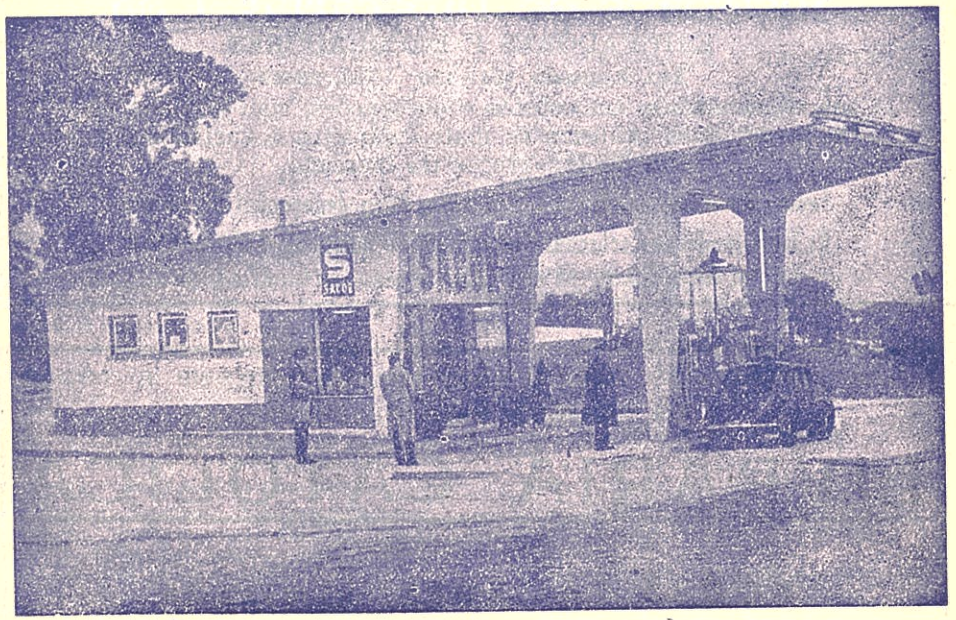
Lanifícios pretos, meias de algodão lã e Nylon
Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de Preço

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais - Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — ASCENSORES — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — VENTILAÇÃO — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

MAGNIFICAT

SECÇÃO MENSAL DE LEITURAS

Acaba de ser publicado mais um número desta Revista que passou a mensal a partir do corrente ano.

NOVELLAE OLIVARUM

ANO XII NÚMERO 122 FEVEREIRO DE 1955

BEM HAJA SUA EMINÊNCIA — C.º Amaro 35
PATERNIDADE — P. F. 38
O MESTRE E GUIA DAS INTELIGÊNCIAS — J. C. 43
A VIRGEM MISSIONÁRIA — Fernando Melro 49
UMA OBRA LITERÁRIA — Albino Cleto 59
CÂNTICO — Fernando Melro 65
SERVAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA — A. Tavares 66
O PRÍNCIPE DA SANTA MARIA — Fernando Micael 72
CRÓNICA — Alberto Neto 76